

Introdução à Sala de Arqueologia do Museu Geológico

Antecedentes históricos

A origem da actividade arqueológica dos Serviços Geológicos de Portugal, prende-se com a controversa questão da antiguidade da espécie humana, que em meados do século XIX constituía uma das principais preocupações da ciência ocidental. Com efeito, para o esclarecimento desta questão, era incontornável o contributo da Geologia, e, em particular, da Estratigrafia e da Paleontologia.

Assim se compreende a importância que à questão foi conferida, também em Portugal, por parte dos dois membros co-directores da Segunda Comissão Geológica (1857-1868), sob a égide Carlos Ribeiro (1813-1882) e Pereira da Costa (1808-1888), coadjuvados por J. F. Nery Delgado (1835-1908). Com a reorganização da antiga Comissão Geológica, em 1869, apenas sob a direcção de Carlos Ribeiro, os trabalhos no campo da Arqueologia pré-histórica prosseguiram, conhecendo o seu ponto mais alto, a nível de visibilidade pública internacional em 1880, com a realização, em Lisboa, da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas (*Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*), em Setembro de 1880.

A notável actividade destes pioneiros, cujos resultados rapidamente se projectaram a nível internacional, ainda hoje pode ser comprovada pela observação de muitos dos materiais arqueológicos então recolhidos ao longo de toda a segunda metade do século XIX e conservados no Museu da Instituição.

A diminuição da produção no domínio da Arqueologia pré-histórica, verificada no final do século XIX, acentuou-se nas primeiras décadas do século XX, apesar de esta actividade científica estar salvaguardada na Lei Orgânica de 1918, que fixou a designação da instituição em Serviços Geológicos de Portugal, mantida até quase ao final do século.

LNEG/LGM

Museu Geológico

Rua Academia das Ciências N.º 19-2.º - 1249-280 Lisboa, Tel : 213463915

<http://www.lneg.pt/MuseuGeologico.lneg.pt>

museugeol@lneg.pt

A partir de 1940, com o ingresso na Instituição de Georges Zbyszewski (1909-1999) e, mais tarde, de O. da Veiga Ferreira (1917-1997), a actividade arqueológica no domínio da Arqueologia pré-histórica ressurgiu, destacando-se o primeiro no estudo das indústrias paleolíticas dos terraços fluviais do baixo Tejo e das praias levantadas do litoral, de início em colaboração com o eminente pré-historiador francês H. Breuil, que permaneceu em Portugal entre Junho de 1941 e Novembro de 1942.

Quanto a O. da Veiga Ferreira, a sua extraordinária actividade conduziu-o à descoberta, no decurso dos levantamentos geológicos a que procedeu, integrado na brigada dirigida por G. Zbyszewski, de inúmeras estações e monumentos pré-históricos, de todas as épocas, que explorou, em geral recorrendo a colaboração proporcionada por equipas de trabalho que soube motivar e orientar, naquela que, informalmente era justamente designada, nas décadas de 1960 e de 1970, por "escola arqueológica dos Serviços Geológicos).

Com o afastamento da Instituição, por limite de idade, em 1979 e em 1986, daqueles dois eminentes geólogos e pré-historiadores, a Instituição, debatendo-se já com outros problemas de funcionamento, viria a abandonar, por falta de meios e de especialistas, a actividade arqueológica que, desde a sua fundação, tão relevantes serviços prestou no quadro do conhecimento do passado pré-histórico do território português.

Actualmente, para além das notícias explicativas da Carta Geológica de Portugal à escala de 1/50 000, onde a arqueologia continua a estar representada, a actividade da Instituição no âmbito da Arqueologia, limita-se a apoiar os trabalhos de investigação desenvolvidos no Museu, o qual continua a ser muito procurado por especialistas, nacionais e estrangeiros bem como pelos alunos de vários graus de ensino e pelo público em geral, mercê das notáveis peças arqueológicas que integram o seu espólio (incluindo arqueologia mineira do período romano), a par do interesse museológico que reveste a própria instalação conservando as características de um grande museu oitocentista de História Natural, bem preservado em todos os seus pormenores.

Observações sobre a colecção exposta

Importa salientar, ainda que sumariamente, alguns núcleos temáticos que reflectem as áreas científicas a que os diversos investigadores da Instituição se dedicaram:

1 - Os "eólitos".

A questão científica do "Homem terciário" foi uma das que maior visibilidade e celebridade deu à instituição, mercê dos trabalhos desenvolvidos por Carlos Ribeiro e, depois, por Nery Delgado. Encontram-se expostas algumas das peças pretensamente trabalhadas e por eles recolhidas na bacia terciária do Tejo, em especial na região de Ota, Alenquer.

2 - O Paleolítico dos arredores de Lisboa.

As primeiras peças desta vasta mancha de estações paleolíticas, que se desenvolve em torno de Lisboa, hoje quase completamente desaparecidas, foram recolhidas por Carlos Ribeiro, na região de **Loures** (Santo Antão do Tojal). Mais tarde, as colheitas de Joaquim Fontes na estação de **Casal do Monte**, a mais importante deste complexo conjunto de estações, a que se somaram as obtidas por H. Breuil e G. Zbyszewski, vieram a enriquecer as colecções, que se encontram expostas na íntegra.

2 - As colecções de indústrias de base macrolítica, paleolíticas e epipaleolíticas.

Mercê do aludido trabalho de colaboração desenvolvido entre G. Zbyszewski e Henri Breuil, foi possível estudar sistematicamente os depósitos quaternários do baixo vale do Tejo, especialmente significativos na região de **Alpiarça**, onde se recolheram in situ inúmeros exemplares de **bifaces acheulenses**, de belo recorte clássico; da mesma forma, as cascalheiras que, a altitudes decrescentes, se escalonam ao longo do **litoral da Estremadura**, proporcionaram a recolha de **materiais sobre pequenos seixos de quartzito**, de trabalho sumário, com características próprias, que justificaram a criação do termo "lusitanien" e "micro-lusitanien" para as designar.

As pesquisas foram depois estendidas ao litoral minhoto, com a recolha de notáveis **materiais fini e pós-paleolíticos de tipo asturiense**, bem como ao litoral baixo-alentejano, onde se identificaram certos artefactos específico dessa região, com idêntica cronologia, como os **machados mirenses**, nome derivado do rio Mira, junto de cujo estuário foram pela primeira vez identificados.

3 - Faunas plistocénicas.

Concomitantemente com a presença humana, certas estações, tanto de ar livre (como os terraços de Santo Antão do Tojal ou do rio Cértima, junto a Mealhada) como, sobretudo, as grutas do Maciço Calcário da Estremadura, exploradas em diversas épocas, forneceram inúmeros restos de espécies **de grandes mamíferos**, alguns casos extintas, como o hipopótamo, o elefante, o rinoceronte e a hiena das cavernas, o leopardo, cujos exemplares mais representativos se encontram expostos. Merece destaque o notável conjunto faunístico recolhido por Nery Delgado na gruta da **Furninha** (Peniche), escavada em 1879, em parte associados a materiais do Mustierense e do Solutrense.

4 - Indústrias do Paleolítico Superior.

É escassa a colecção da Instituição. Merecem destaque as belas peças (**pontas de Parpalló**) recolhidas no século XIX por Nery Delgado na gruta da **Casa da Moura** (Cesareda) e por Carlos Ribeiro nas grutas do **Poço Velho** (Cascais), a que juntaram as obtidas por O. da Veiga Ferreira e J. Camarate França na **gruta das Salemas** (Loures), na década de 1960. Entre estas últimas, salienta-se a existência de uma bela **zagaia** afeiçoada em um osso peniano de Urso (*Ursus arctos*), além de belas **pontas de Parpalló** e de **tipo cantábrico** ("pointes à cran").

5 - Concheiros mesolíticos de Muge.

Localizados ao longo de ambas as margens das **ribeiras de Magos e de Muge**, tributárias da margem esquerda do rio Tejo, pertencem ao Período Atlântico, situando-se entre cerca de 6200 e 5100 cal. BC. Correspondem a notáveis acumulações de **conchas estuarinas**, indício de que, à época, as águas salobras atingiam a região, de mistura com restos faunísticos de **mamíferos selvagens**. Salienta-se a presença de **enterramentos humanos** nas próprias acumulações de origem antrópica, denotando rituais funerários rudimentares (uso do **ocre vermelho**, em especial), bem como testemunhos de **cabanas** e de outras estruturas domésticas (**silos**), a par de uma abundante **indústria microlítica**, representada por geométricos, onde se destacam os bem conhecidos "triângulos de Muge", de forma muito estreita e alongada, com espinha longitudinal bem marcada. Dos mais de 300 **esqueletos** recolhidos desde o início das escavações, em 1863, conserva o Museu alguns em exposição, a par de muitas outras evidências da actividade humana ali desenvolvida; tal realidade, faz do Mesolítico de Muge um dos mais importantes núcleos conhecidos a nível mundial.

6 - Necrópoles neolíticas em grutas do Maciço Calcário da Estremadura e áreas limítrofes.

O Museu possui notável acervo de materiais de necrópoles aproveitando cavidades cársticas naturais existentes no Maciço Calcário da Estremadura, exploradas em sucessivas épocas, desde os primórdios da Instituição. Merecem destaque os espólios das grutas da **Nascente do rio Almonda**, com **cerâmicas cardiais** de tipo clássico. À actividade dos pioneiros se devem a exploração e a recolha de materiais neolíticos notáveis, que se encontram expostos, nas grutas da **Casa da Moura** (Cesareda), da **Furninha** (Peniche), do **Carvalho de Turquel** (Alcobaça), de **Ponte da Laje** (Oeiras) e do **Poço Velho** (Cascais).. Destaca-se a presença de grandes lâminas foliáceas de sílex (**alabardas**), de **vasos** do Neolítico Antigo e das célebres **placas de xisto** características do território português, com decorações geométricas gravadas, em particular na gruta da Casa da Moura.

7 - Grutas artificiais da Quinta do Anjo (Casal do Pardo, Palmela).

Trata-se de um conjunto funerário constituído por quatro hipogeus escavados nas rochas carbonatadas brandas do Miocénico que localmente afloram, constituindo pequeno cabeço. Escavadas primeiramente em 1876 por António Mendes, sob a égide de Carlos Ribeiro, são constituídas por um átrio, a que se segue um corredor em forma de saco mais ou menos longo, que comunica com câmaras de planta circular com tecto abobadado, comunicando com a superfície por meio de clarabóia.

Estes monumentos tornaram-se internacionalmente conhecidos após a publicação em 1886 da obra de É. Cartailhac "Les Âges Préhistoriques de la Péninsule Ibérique", na qual se publicam alguns dos materiais ali recolhidos, com destaque para as **taças de bordo espessado e decorado** - as **taças de tipo Palmela** - e para as pontas de cobre com espigão, que a partir de então passaram a designar-se internacionalmente por "**pontas de tipo Palmela**".

No conjunto, os materiais exumados mostram que a época de construção destes sepulcros - com paralelos em outros conjuntos a norte do Tejo, dos quais os mais célebres são os de **Alapraia** (Cascais) e de **Carenque** (Amadora) - se insere ainda no Neolítico Final, correspondente aos últimos séculos do IV milénio BC, conhecendo depois sucessivas reutilizações, no decurso de todo o milénio seguinte, a que correspondem uma selecção de materiais expostos.

Uma outra gruta artificial aparentemente isolada foi explorada por Carlos Ribeiro na **Granja do Marquês** (Sintra) e por ele publicada em 1880. Do espólio exposto, avultam os **cilindros de calcário**, dos quais um, de grandes dimensões, análogo aos "baetylos" calcolíticos funerários do Sudeste espanhol.

8 - Monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa.

De alguns dos dólmenes, constituídos por grandes lajes calcárias, explorados e publicados por Carlos Ribeiro em 1880 (**Pedra dos Mouros, Montre Abraão e Estria**, entre outros), bem como os explorados em épocas mais modernas, como o conjunto megalítico de **Trigache** (Odivelas) e o dólmen de **Casinhos**, já na década de 1960 (por V. Leisner, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski) provêm belas peças que se encontram expostas. A estes, juntam-se o espólio do monumento de falsa cúpula do **Monge** (*tholos*), no alto da serra de Sintra, também explorado por Carlos Ribeiro, bem como o notável conjunto do monumento complexo da **Praia das Maçãs** (Sintra), explorado por V. Leisner, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski.

9 - Povoados pré-históricos.

Por comparação com os conjuntos funerários, os materiais oriundos de povoados estão muito escassamente representados, o que se explica, dadas as limitações vigentes, que não comportavam explorações de campo prolongadas. As peças expostas resultaram, em geral, de recolhas de superfície, o que não impediu que tenham dado origem a importantes estudos, como o dedicado a **Leceia** (Oeiras), descoberto e publicado por Carlos Ribeiro, em 1878, constituindo a primeira monografia relativa a um povoado pré-histórico do território português.

10 - Peças pré-históricas isoladas e outros monumentos.

Mercê do trabalho incessante dos geólogos/arqueólogos pioneiros da Comissão Geológica e dos seus sucessores, resultaram inúmeros achados de peças isoladas, de recolhas de superfície ou de escavações circunscritas (especialmente em monumentos dolménicos do Alentejo e das Beiras), das quais as mais importantes se encontram expostas. É o caso dos **grandes artefactos de pedra polida**, cuja utilização se desconhece, recolhidos perto de **Mafra** no século XIX, a que se junta a bela **alabarda de Tipo Carrapatas** recolhida perto de **Vimioso** e publicada por Nery Delgado, conjuntamente com **espólios funerários** pré-históricos recolhidos nas grutas ali existentes. De **Alcaria** (Monchique) provêm rara **navalha de barbear**, do Bronze Final (o primeiro de apenas dois

exemplares conhecidos em território português), publicada por O. da Veiga Ferreira, A. Viana e J. Formosinho.

Por último, entre o acervo pré-histórico da Instituição, merece destaque o espólio exumado no notável monumento funerário de corredor e falsa cúpula (*tholos*) da **Roça do Casal do Meio** (Sesimbra), correspondente a uma das raras ocorrências de tumulação pelo ritual da inumação do Bronze Final, reaproveitando uma tholos calcolítica das várias existentes na região ou, em alternativa, recorrendo à construção de um monumento funerário de raiz, que, deste modo, se afigura único no seu género no território peninsular.

11 - *Arqueologia mineira.*

Além das peças encontradas em galeria pré-histórica de exploração de sílex, cortada aquando da construção do **túnel ferroviário do Rossio** e publicadas por P. Choffat em 1889, é de realçar o notável conjunto de **materiais de época romana** provenientes das **minas de Aljustrel e de S. Domingos**, como uma alpergata e um gorro de esparto, artefactos de madeira (maço, escadas) e de ferro utilizados na mineração. Acima de todas, destaca-se célebre **placa de bronze** contendo legislação mineira do século I d.C. recolhida em 1876 nos escoriais romanos da **mina dos Algaes** (Aljustrel) e estudada, entre outros, nesse mesmo ano, pelo grande arqueólogo algarvio S. P. M. Estácio da Veiga, que a publicou em 1880.

João Luís Cardoso